



Serviço de Convivência
e Fortalecimento de Vínculos

O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos na Pandemia

Célia Parnes

Secretária de Estado de Desenvolvimento Social

Nayra Karam

Secretária Executiva

Paola Forjaz

Chefe de Gabinete



**Serviço de Convivência
e Fortalecimento de Vínculos**

Coordenadoria de Ação Social

Coordenador

João Rafael Calvo da Silva

Diretora de Proteção Social Básica

Tatiane Sousa Magalhães

Elaboração e Redação

Cristiane Lamin Souza Aguiar

Elaine Cristina Silva de Moura

Naiara Carneiro Teixeira

Direção de Arte e Diagramação

DCI

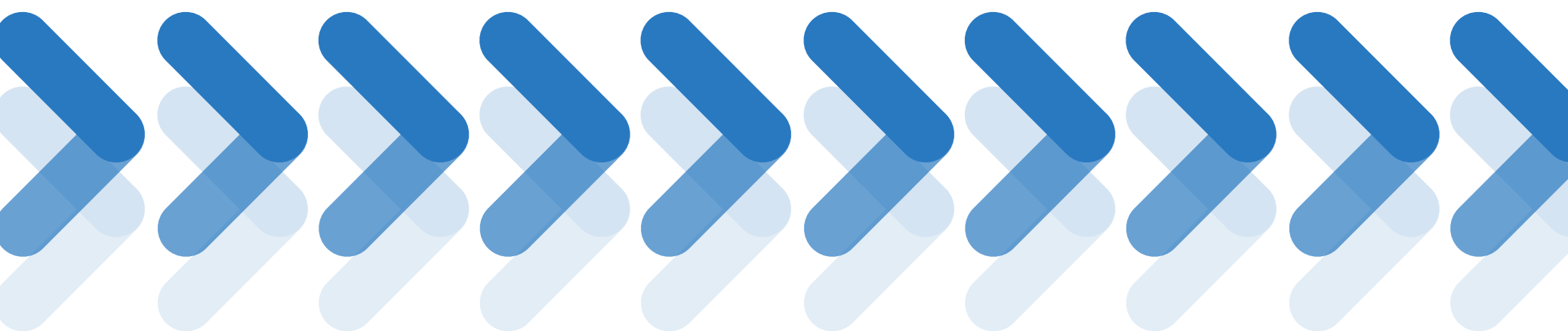
Apresentação

Esse material é uma produção da equipe técnica de Proteção Social Básica da Secretaria de Desenvolvimento Social do Estado de São Paulo e tem como objetivos: apoiar as equipes técnicas municipais, repensar e ampliar o repertório de práticas no âmbito do Serviço Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV).

Na introdução recapitulamos definições importantes sobre o conceito de Convivência, central na política de Assistência Social. Em seguida, o texto aborda dificuldades para a oferta do serviço, agravadas no período de pandemia, e ainda, reflexões sobre as possibilidades do trabalho social e diretrizes para práticas mais conectadas com a concepção de convivência e a produção de vínculos protetivos.

Esperamos que a abordagem escolhida possibilite um diálogo aberto com os diversos profissionais (sem a pretensão de sobrepor suas experiências ou esgotar alternativas para suas práticas) e que ela incentive a criação de novas metodologias de trabalho neste período.

Boa Leitura!



Introdução

Olá, colegas da Proteção Social Básica!

Estamos aqui para conversar com vocês sobre o Serviço de Convivência e de Fortalecimento de Vínculos pensado a partir de duas perspectivas: **dificuldades** vivenciadas nesse período de pandemia e **possibilidades** de atuação neste momento com a adaptação, criação e reinvenção das ações pelas equipes técnicas.

Mas antes de falarmos de Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, precisamos falar sobre o que é o conviver.

O que é conviver para a Assistência Social?

Quando paramos para pensar sobre convivência percebemos que este componente está presente em várias políticas sociais. Encontramos a convivência na educação, no esporte, na saúde, na cultura, no lazer, então qual a diferença da convivência social para a Assistência Social?

Primeiramente, temos que ter em mente que a convivência na Assistência Social, diferentemente das demais políticas, é uma segurança afiançada preconizada na Lei Orgânica de Assistência Social. A garantia dessa segurança é um direito da população e uma responsabilidade estatal. Isso quer dizer que a convivência não é somente a formação de um coletivo de pessoas para atingir um determinado objetivo escolar ou esportivo, a convivência faz parte da natureza das intervenções da Assistência Social, sendo assim, um direito garantido tal como a segurança de acolhida, de autonomia e de renda.

Um segundo elemento que caracteriza a convivência na Assistência Social é que o conviver tem um caráter **transformador** para os sujeitos, suas vivências e seus espaços - e essa é uma premissa que deve perpassar todos os serviços socioassistenciais. Assim, quando nos propomos a ofertar os serviços previstos pela Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais, precisamos ter como principal intencionalidade a transformação. Se as nossas práticas estão desconectadas dessa intencionalidade, que é a de se recriar na interação com o outro, de reconhecer, respeitar e valorizar as diferenças, bastando-se ao entretenimento ou a outros objetivos, não estaremos promovendo o conviver com caráter transformador.

Sendo assim, qual o efeito da convivência para Proteção Social?

Se o objetivo maior da Assistência Social é a proteção social e se por “proteção” entendemos “o conjunto de recursos que os indivíduos podem mobilizar diante dos riscos da vida”, a convivência social promovida pelos nossos serviços precisa ter um efeito protetivo. E como isso poderá ocorrer? Por meio da criação e fortalecimento de vínculos. Os vínculos podem se tornar um elemento de proteção social.

A convivência social é, dessa forma, uma ferramenta, um método de trabalho, se assim podemos dizer, para que vínculos tanto familiares quanto comunitários sejam criados e fortalecidos. Quando planejamos uma ação no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos e nos demais serviços socioassistenciais, há essa intencionalidade?

Se o objetivo da Assistência Social é a **proteção da vida relacional** e não podemos perder esse horizonte, como os serviços em seu âmbito de atuação estão lidando com o convívio humano?

O convívio humano pode produzir situações recorrentes de violações à integridade social e física dos sujeitos. Discriminações, humilhações, desprestígio, desqualificações, apartações, intolerâncias estão entrelaçadas na vida cotidiana atingindo a dignidade humana. O desconhecimento ou o ato de ignorar estas ocorrências acabam por alimentar a invisibilidade e a banalização dessas situações de desproteção e, por consequência, contribuir para sua reprodução.

Com isso, em nossos espaços de atuação, precisamos promover ações e mecanismos de rompimento e transformação dessas práticas, naturalizadas e cristalizadas historicamente, e é por meio da criação de vínculos que a proteção se faz presente.

Quando trabalhamos a formação e o fortalecimento de vínculos em família e em comunidade estamos promovendo potenciais protetivos. Vínculos afetivos, assim como vínculos de cidadania, que são aqueles relacionados ao usufruto de direitos e de participação, trazem suportes para enfrentar os riscos sociais. É na interação com o outro que nos constituímos e, sendo assim, é por meio dos vínculos de afetividade e de cidadania que se estabelecem a autoconfiança, o autorrespeito e a estima social (valor dado às particularidades de cada sujeito). É com esse conjunto de suportes que nos percebemos como dignos de sermos amados, de que valem tanto quanto os demais e que as particularidades que temos devem ser admiradas (Torres, 2013). E dessa forma se constrói um reconhecimento para o outro de que a nossa existência tem valor.

O conviver no Serviço de Convivência e Fortalecimentos de Vínculos.

Como trabalhar a convivência no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos de forma que vínculos de afetividade e de cidadania, pautados no direito e na participação, sejam alcançados?

O serviço se compõe por três eixos de atuação:

- **Convivência Social;**
- **Direito de Ser;**
- **Participação.**

O eixo **Convivência Social** é o principal: traduz a essência dos serviços de Proteção Social Básica e volta-se ao fortalecimento de vínculos familiares e comunitários. As ações e atividades inspiradas nesse eixo devem estimular o convívio social e familiar, aspectos relacionados ao sentimento de pertença, à formação da identidade, à construção de processos de sociabilidade, aos laços sociais, às relações de cidadania etc. Nesse eixo devemos trabalhar o desenvolvimento de ações como a capacidade de desenvolver novas relações sociais; capacidade de encontrar soluções para os conflitos do grupo; capacidade de realizar tarefas em grupo; capacidade de promover e participar da convivência social em família, grupos e território.

O eixo **Direito de Ser** tem por objetivo promover experiências que potencializem a vivência dos ciclos etários em toda a sua pluralidade. Trabalhar o direito a aprender e experimentar; direito de brincar; direito de ser protagonista; direito de adolecer; direito ter direitos e deveres; direito de pertencer; direito de ser diverso; direito à comunicação.

O eixo **Participação** tem como foco estimular, mediante a oferta de atividades planejadas, a participação dos usuários nos diversos espaços da vida pública, a começar pelo Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, passando pela família, comunidade e escola, políticas públicas, tendo em mente o seu desenvolvimento como sujeito de direitos e deveres.

E o Serviço de Convivência e Fortalecimentos no contexto da pandemia?

A crise social decorrente da crise sanitária, social e humanitária da pandemia trouxe importantes debates para a sociedade brasileira. Na assistência social um tema extremamente discutido foi o acesso das famílias a uma renda básica, dadas as perdas de trabalho e renda de milhões de pessoas. Mas este um dos temas emergidos nesta pandemia que trouxe também preocupação com as consequências da convivência intensificada, a sobrecarga nos papéis de pais, responsáveis e cuidadores, o sofrimento, restrição e reclusão de crianças, adolescentes, mulheres, homens, idosos e pessoas com deficiência e a impossibilidade de fazer isolamento e distanciamento social, entre outros problemas.

O que fazer nesse período de pandemia em que a convivência coletiva de forma presencial não é possível e que precisamos nos reinventar e reinventar novas formas de convívio? **Assim, como nos reinventar, adaptar ou recriar o trabalho social com as famílias diante dessa realidade?** E como manter rotinas de trabalho se é indispensável nos adaptarmos ao meio digital? Onde vamos ancorar o trabalho social daqui pra frente?

"Prefiro imaginar que sempre precisamos ser modernos. Portanto, o que mais atrai é a ideia de liberdade. De não se prender a um dogma, diante de uma vida que não cessa, do conhecimento que se amplia. Principalmente hoje, com a velocidade da comunicação, pode-se sempre inovar."

(Paulo Mendes da Rocha, em entrevista a Vogue)

Essas são dúvidas e reflexões que estão acometendo muitos de nós, profissionais da assistência social.



Dificuldades de Convivência na Pandemia

A pandemia tem produzido diferentes e significativos impactos na convivência, afetando as relações familiares e comunitárias. Como devemos responder a eles?

É importante partir da identificação e do reconhecimento das várias dificuldades vivenciadas por trabalhadores e usuários da política de assistência social para a produção coletiva de respostas. Identificamos a seguir algumas situações desafiadoras para a organização e a execução do trabalho social neste momento.

- Cobrança por respostas emergenciais;
- Aumento do volume e agravamento de demandas dos usuários;
- Redução do número de trabalhadores nas equipes;
- Interrupção de atividades previstas e necessidade de replanejamento em tempo exíguo;
- Exposição a riscos de contaminação por ausência de Equipamentos de Proteção Individual;
- Adaptação ao teletrabalho;
- Indisponibilidade e/ou insuficiência de recursos para realização de atividades remotas;
- Suspensão de atividades presenciais com grupos;
- Reformulação de atividades e ofertas socioassistenciais;
- Identificação de novas situações de desproteção;
- Sobrecarga emocional.

A estas dificuldades somam-se a exposição das equipes a atuação voluntarista e a interferência de atores alheios a profissionalização das intervenções socioassistenciais. Práticas enraizadas e ainda presentes, com origem na atuação tradicional, descoladas do campo de direitos de cidadania propostos pela política de assistência social.

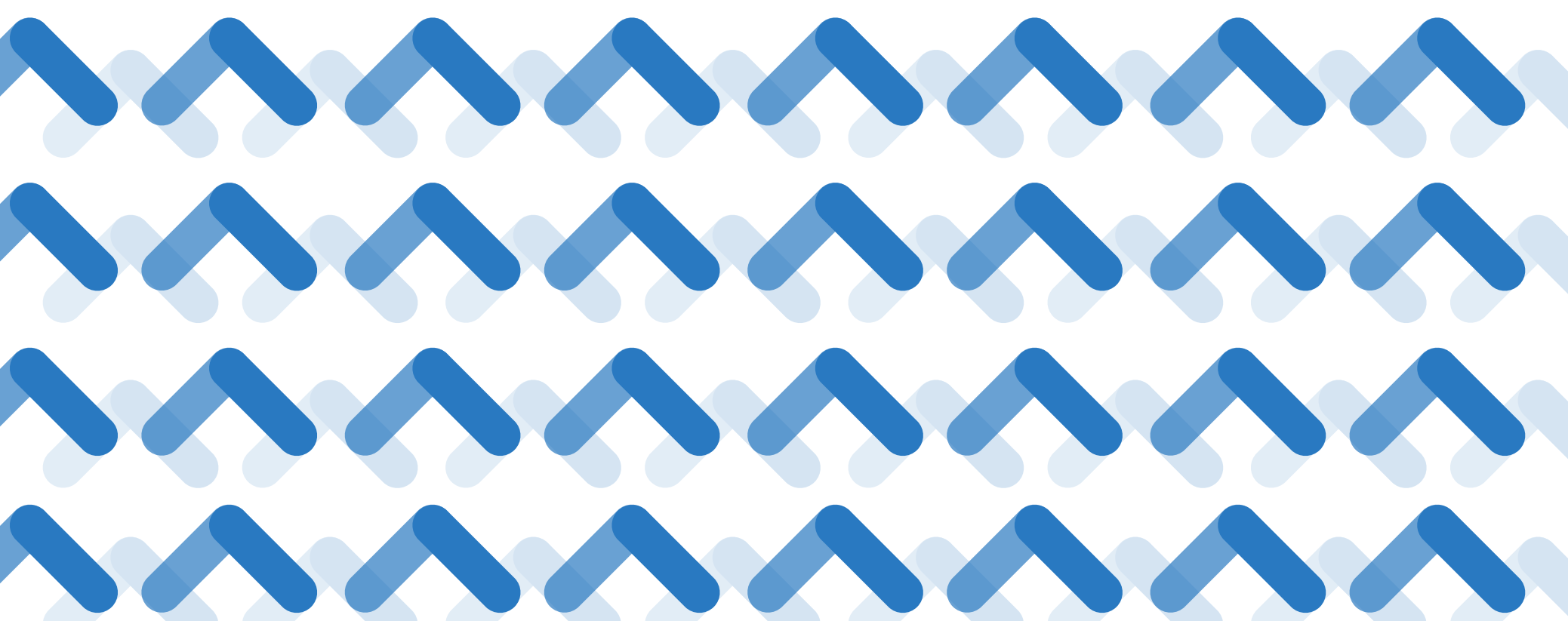
No atual cenário de acentuada desproteção social, a atenção emergencial tem se voltado às situações de vulnerabilidade material, como ausência de renda e insegurança alimentar. Entretanto, a intensificação do convívio no âmbito doméstico e o distanciamento social, decorrentes da quarentena, evidenciam a importância da atuação no campo relacional, pois ele tanto pode ser fonte de proteção quanto de exposição a riscos.

Devemos compreender os impactos da nova cena social nas vivências dos indivíduos, famílias e comunidades, para atuar de forma satisfatória e segura. As várias expressões de desigualdade social presentes nos territórios foram acentuadas pela ausência de acesso a direitos e a outras políticas públicas. Estas desigualdades têm se materializado fortemente na vida cotidiana da população, por meio da insegurança material e relacional.

Destacamos alguns elementos responsáveis por fortes alterações no convívio durante a pandemia. Eles devem ser objeto de nossa contínua atenção por serem fatores de potencial fragilização de vínculos:

- Convívio prolongado;
- Distanciamento social;
- Medo da contaminação;
- Adoecimento;
- Perdas e luto;
- Insegurança no presente;
- Insuficiência de recursos para a adequada proteção;
- Incerteza sobre o futuro;
- Isolamento.

Estes elementos, conjugados a fatores estruturais de desigualdade em nossa sociedade, têm exposto indivíduos e grupos com características socialmente desvalorizadas a situações de maior risco e desproteção.

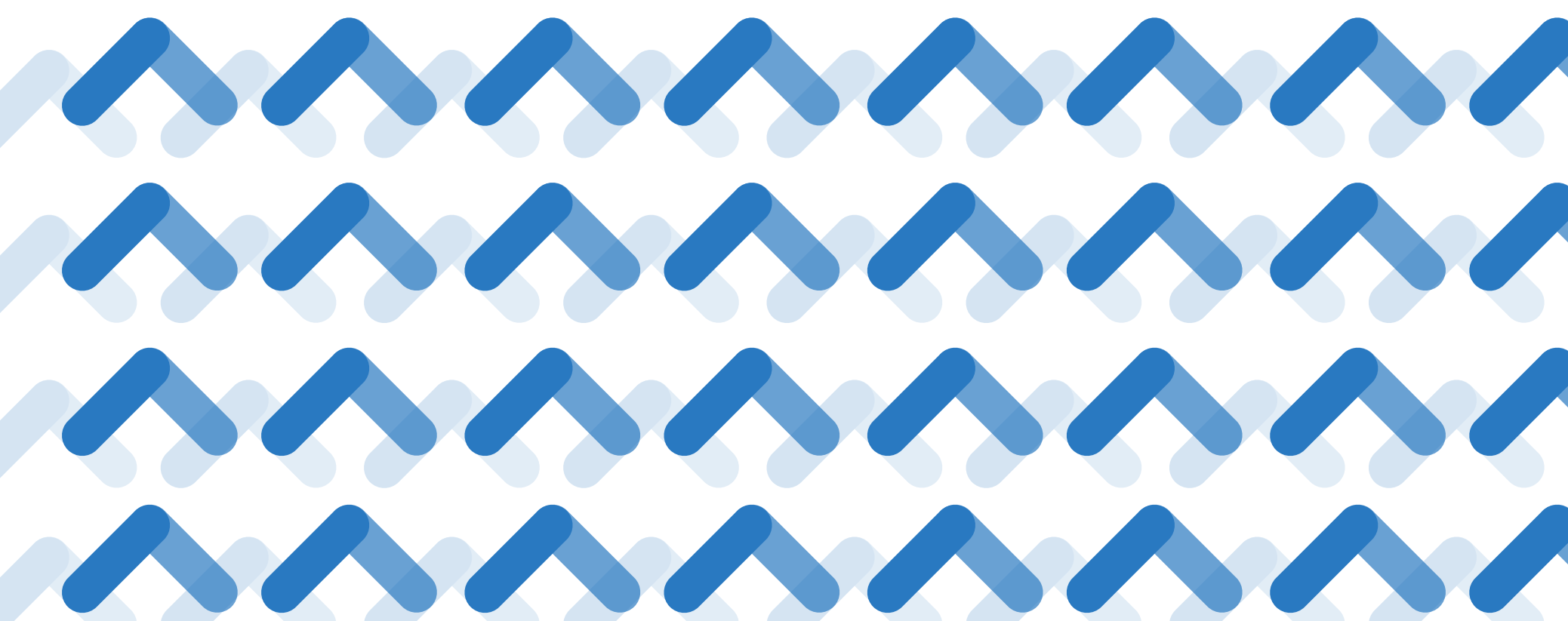


Elencamos algumas ocorrências relacionadas especialmente aos ciclos de vida, como a infância, a adolescência e a velhice:

- Violência doméstica;
- Sobrecarga da cuidadora familiar;
- Conflitos geracionais;
- Violência de gênero;
- Etarismo;
- Identidades estigmatizadas;
- Discriminação negativa;
- Apartação.

A exigência de reorganização dos espaços, seja o ambiente doméstico ou o território, faz com que as relações entre as pessoas sejam modificadas na forma, significado e frequência.

A partir das alterações nas rotinas têm sido estabelecidas novas percepções sobre o tempo presente e o futuro, assim como tem emergido novos desafios na convivência. Esta série de novas ocorrências no campo societário deverão estar cada vez mais presentes no horizonte dos trabalhadores que atuam junto à população. O conjunto de situações desafiadoras se apresentam como dificuldades, mas também podem oferecer possibilidades para potencializar a atuação dos profissionais do Serviço de convivência e Fortalecimento de Vínculos.



Possibilidades de Convivência na Pandemia

A crise gerada pela pandemia de Covid-19 traz a possibilidade de repensarmos modelos de sociedade e de repensarmos nosso trabalho com a população, nos fazendo pensar sobre a nossa atuação no antes, durante e no depois da pandemia.

Nos SCFV nos perguntamos como garantir os objetivos do serviço num formato à distância e como lidar com as questões centrais para os usuários surgidas neste contexto. Temos clareza de que não se trata somente da alteração de formato, mas também de conteúdo: manter ações baseadas somente na prática anterior à pandemia, sem trabalhar temas que refletem a nova realidade, não faz sentido para este serviço. A seguir, propomos algumas reflexões e possibilidades de ação.

Como podemos incorporar o debate da pandemia na convivência.

Num primeiro momento, sentimos que o debate sobre a pandemia ficou bastante centrado nas formas de prevenção à contaminação e em recomendações como as de ficar em casa e de manter o distanciamento social sempre que possível. Levar informações sobre a prevenção e cuidados aos usuários é fundamental e é papel dos serviços. Porém, sendo a convivência uma das centralidades dos serviços socioassistenciais, é **essencial trabalhar temas produzidos pela convivência e vivência dos usuários mesmo no atual momento.**

De modo geral, sabemos que neste contexto de pandemia (que possui distintas realidades e momentos) muitas famílias e indivíduos passam por perdas de renda e emprego, insuficiência de recursos materiais e alimentares, pelo convívio prolongado e intensificado, por grandes demandas de cuidado, pelo luto, entre outros muitos sentimentos.

Na lida dos serviços os temas gerais podem ser tratados de forma local, mas devem ser sempre contextualizados, e é fundamental ao serviço estar atento aos **temas gerados a partir do território**, tanto de forma coletiva a partir dos grupos como da fala individual – e mesmo estar atento àqueles temas não falados mas que são percebidos pelas equipes nos atendimentos ou no dia a dia dos territórios.

Algumas perguntas apareceram como reflexão inicial:

- Quais são os temas que surgem da convivência familiar e comunitária vividos por famílias e usuários no território em meio à pandemia?
- Quais os temas trazidos pelos grupos?
- De que convivência se está falando quando famílias passam por desproteções decorrentes de ausências materiais, de alimentos, de renda, agravadas pela pandemia?
- Como combater a reclusão e o isolamento por meio da segurança de convívio durante a pandemia?
- Nos casos de domicílios com presença de pessoa infectadas com Covid-19, quais as consequências disso para as famílias?
- Nos casos de falecimento em decorrência de Covid-19 na família ou vizinhança, como trabalhar a partir da realidade de luto e de perda de pessoas?

Sabemos que não existem respostas prontas às perguntas, mas sim um trabalho social que, se orientado para a realidade dos territórios e das populações e para a garantia de proteção social, dará sentido ao serviço e poderá mostrar a presença e efetividade da assistência social no território.

A **convivência domiciliar intensificada** é um dos temas urgentes trazidos pela pandemia. As crianças e adolescentes estão fora da escola e, muitas vezes, dentro de casa o dia todo, tendo que conciliar os afazeres da casa com as tarefas escolares, brincadeiras, alimentação, e outras tarefas, agravadas muitas vezes por privações de renda, de acesso à internet, de aparelhos tecnológicos, de alimentos. As crianças e jovens com deficiência que antes frequentavam as escolas, serviços de convivência ou centros dia, também estão em casa e demandam cuidado, em geral, de poucas ou de uma única pessoa, que deve garantir todo o cuidado domiciliar além do acesso a medicamentos, benefícios socioassistenciais, entre outras demandas. Este público sofre ainda mais com a reclusão, a falta de atividades e algumas vêm a sua interação com as pessoas sendo prejudicada, por exemplo, pelo uso das máscaras, que inviabiliza a acessibilidade comunicacional¹. As pessoas idosas já não podem sair de casa e sofrem com a inatividade, com a pouca ou nenhuma facilidade no uso de aparelhos eletrônicos e também demandam o contínuo acesso a medicamentos, consultas médicas, benefícios e outros. A convivência domiciliar intensificada traz também o aumento dos riscos de violências, abusos e outras violações e nestas condições é necessário que os serviços estejam ainda mais atentos.

¹ Para ver mais sobre temas ligados às pessoas com deficiência na pandemia, indicamos a live promovida pelo Conselho Estadual de Assuntos da Pessoa com Deficiência de São Paulo (CEAPcD) com o Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência (CONADE):

“Ações do CONADE durante a pandemia”, disponível em <https://www.facebook.com/CEAPcD/videos/589164091717915/>

Por outro lado, há também a **impossibilidade de ficar em casa durante a pandemia**, já que muitas famílias não puderam parar de trabalhar, saem todos os dias de casa para manter os serviços que são acessados por boa parte da população que pode se manter em distanciamento social². Além disso, há também as famílias numerosas que vivem em domicílios pequenos que não permitem o isolamento entre os familiares em caso de contaminação ou quarentena em caso de contato ou suspeita de Covid-19. Há ainda aquelas que vivem em bairros onde o acesso a água e a condições de saneamento básico praticamente inexistem ou são irregulares e dificultam a adoção de medidas de higiene adequadas. Há aqueles que estão sendo vítimas por sua própria existência, por viverem onde vivem, por ter cor, gênero e classe socialmente desvalorizadas.

Ao passar rapidamente por esses poucos cenários produzidos pela pandemia, podemos observar que as **temáticas envolvendo a convivência familiar na pandemia se dão sobre:**

- a relação dos pais/responsáveis e seus filhos/crianças;
- a relação dos pais/responsáveis e os/as adolescentes;
- as/os cuidadores e pessoas cuidadas;
- a sobrecarga dos papéis;
- temas da divisão de afazeres domésticos;
- as consequências do estresse provocado pelo confinamento ou pela impossibilidade de adotá-lo;
- como lidar com medos e inseguranças;
- o acúmulo de tarefas e aumento da restrição do **direito de ser** para os membros das famílias;
- as condições sociais que expõem famílias à contaminação e à maior violação de direitos; entre muitas outras.

Estes temas, se trazidos pelos participantes ou observados pelos serviços precisam ser recebidos e trabalhados nos grupos de forma planejada e adequada. Não se trata de tão somente falar sobre problemas, mas de promover ações a partir do conhecimento destes e de buscar soluções coletivas.


² Distanciamento social é a diminuição de interação entre as pessoas de uma comunidade para diminuir a velocidade de transmissão do vírus. Disponível em

https://www.ufrgs.br/telessauders/posts_coronavirus/qual-a-diferenca-de-distanciamento-social-isolamento-e-quarentena/

Dimensão relacional (ser):

A dimensão relacional da vida está sobremaneira impactada pela pandemia, com a convivência familiar/doméstica intensificada, convivência comunitária fragilizada e as inseguranças pessoais e familiares quanto ao presente e ao futuro. Entretanto, o direito de ser não pode ser negado, nem mesmo durante a pandemia.

É fundamental que o serviço permaneça trabalhando o direito a aprender e experimentar, a brincar, o direito **ao protagonismo**, o direito a ter direitos e deveres, o direito de ser diverso, o direito à comunicação, entre outros.



*"Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
e isso é sobre vivência, me resumir a sobrevivência
É roubar o pouco de bom que vivi
Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes.
Achar que essas mazelas me definem, é o pior dos crimes"*

(Emicida, álbum Amarelo, faixa Sujeito de Sorte)



As pessoas reagem e vivem a pandemia de distintas formas. Questões importantes podem ser observadas por exemplo no fato de que sem as ofertas do serviço de convivência e da escola crianças e adolescentes podem estar mais vulneráveis a atividades de risco e ao trabalho infantil para manter sua subsistência. Também, podem ser observadas no fato de que muitos jovens tiveram seus meios de lazer interditados, o que tem levado a comportamentos de risco de contaminação. Se por um lado essas questões pedem uma atuação que mostre a magnitude da pandemia, também requer um olhar que não seja punitivo ou julgador. Inclui também um olhar sobre como o poder público oferta alternativas culturais e de lazer que podem corresponder às necessidades dos jovens. Com isso, podemos refletir: como questões tão debatidas atualmente na sociedade, como por exemplo, as do racismo, estão sendo trazidas para o contexto dos serviços? E como o serviço está oferecendo opções para que os participantes possam se expressar sobre elas?

Acompanhamento remoto: restrição ou possibilidade?

O acompanhamento remoto se tornou uma necessidade dos serviços e deve ter como objetivo não somente a manutenção do vínculo, mas também o reconhecimento do sofrimento coletivo e a possibilidade de identificar riscos. Feito principalmente pelo Whatsapp, saída imediata das equipes técnicas para a manutenção de contato com as famílias e grupos dos SCFV, o contato remoto (distanciado) não é sinônimo de contato eletrônico e, portanto, não pode se restringir ao uso de meios online ou telefônicos, já que muitas famílias não possuem estes recursos. Também devem ser pensadas estratégias tais como a ida periódica e regular nos bairros para entrega de materiais do plano de trabalho ou acompanhamento dos casos que demandam atendimento presencial.

E quando todos ou a maioria dos participantes têm acesso aos meios remotos de comunicação: estamos potencializando o uso desse valioso recurso tecnológico? Sabemos que “entrar em contato” pelo Whatsapp não significa que necessariamente estamos nos comunicando com as pessoas. Quando enviamos mensagens como saudações de bom dia, notícias, informações, vídeos: estamos realmente interagindo num nível que permite conhecer, obter informações relevantes das pessoas e que podem subsidiar o trabalho técnico? Como podemos utilizar este e outros meios virtuais como uma ferramenta de trabalho que permita saber como os usuários estão vivenciando este momento e não apenas para repassar informações e materiais? A resposta inclui pensar que **devemos sempre promover o protagonismo dos usuários, o foco está nas pessoas e nas suas expressões.**

Você, técnico ou educador do SCFV, percebe quais temas que geram sofrimento e conflitos nas experiências dos usuários?

Possibilidades de reconfiguração da convivência comunitária:

O percurso para trabalhar o direito à convivência comunitária deve lançar mão de atividades para o exercício da comunicação, empatia, cooperação, resolução de conflitos, fruição, cuidados e outras interações.

Como já mencionado, a comunicação requer ouvir (a resposta) (d)o outro. Portanto promover momentos por *Whatsapp* ou outros meios deve servir para ouvir o que os usuários têm a dizer. Podem promover a fala sobre a vivência do dia a dia, sobre temas artísticos, sociais, filosóficos, e a contação de histórias de vida: quantos têm a nos dizer as pessoas idosas sobre suas vidas e feitos ao longo de suas trajetórias? Isolar-se não pode ser um decreto para o ostracismo e a perda da empatia.

Como cuidados e cooperação pode-se pensar em alternativas que coloquem uns cuidando dos outros, como, por exemplo: nos grupos de pessoas idosas pode haver revezamento entre os participantes para que uns fiquem responsáveis pelo cuidado com outros membros, realizando ações simples como buscar saber se estão bem, se precisam de algo, e reportar situações relevantes aos técnicos. Também, pode-se criar estratégias de atividades que sejam realizadas de forma compartilhada e colaborativa em lugar de apenas entregar um material pra cada um. Isso pode contribuir para experiências do fazer coletivo significativas.

Lives (debates *on-line*): servem para trazer pessoas de referência em determinados assuntos, mas podem servir também para promover o debate a partir de questões ou conflitos surgidos nos grupos, de forma a trabalhar o exercício do diálogo, a empatia e a resolução de conflitos.

A fruição do lazer também é fundamental e deve ser estimulada, mas as propostas de atividades não podem ser mecânicas. Trabalhar datas comemorativas, por exemplo, requer reflexão também: vamos falar do Dia dos Pais sem discutir o que são as relações familiares, os diferentes modos de ser das famílias, a diversidade da sociedade, direitos negados, discriminações, abandonos, afetividade, etc?

Quando falamos de identidades: quantos idosos ou pessoas com deficiência atendidos pelos SCFV fazem parte, por exemplo, do público LGBTQIA+³? Eles se sentiriam acolhidos nos grupos tendo essa identidade social? A convivência comunitária pede um pouco de tudo, portanto o trabalho social tem que ser planejado e ter profundidade e criticidade para tocar a vivência dos usuários.

³ Entenda a sigla LGBTQIA+ aqui

<https://bluevisionbraskem.com/desenvolvimento-humano/o-que-significa-a-sigla-lgbtqia/>

Reconfiguração da participação social

E quando aparecem as questões sociais de forma coletiva? Como encaminhá-las? A pandemia agravou situações sociais já existentes que precisam ser debatidas, problematizadas, encaminhadas e, sobretudo, é preciso que o grupo vivencie aquilo que foi decidido coletivamente.

Uma estratégia para desenvolver atividades no eixo participação é fazer com que usuários se responsabilizem pela organização, execução e avaliação das ações socioeducativas. Isso possibilita uma experiência de participação ativa.

Com as restrições de circulação (e visitas a espaços públicos, houve uma restrição da nossa capacidade de nos apropriar e interagir em nosso território de forma plena. Vai sendo necessário - cada vez mais - a manutenção do vínculo com o próprio serviço para que esse sentimento de pertencimento se fortaleça.

Visita domiciliar: como organizar

A visita domiciliar passa a fazer parte do rol de atividades que, especialmente na articulação com CRAS, devemos adotar como uma estratégia de **manutenção do vínculo** dos usuários com o serviço e com a equipe de referência e também para **identificar** e **atender** a demandas de prevenção de situações de violência, isolamento e abandono. Assim, precisamos, além de adotar os cuidados higiênicos já conhecidos, replanejar o percurso a partir das necessidades do grupo sem negligenciar demandas individuais. Elaborar atividades que possam ser utilizadas no momento da visita ou entregues para posterior acompanhamento remoto. Em suma, é importante que tenhamos claro qual é a função da visita em suas várias possibilidades (diagnóstico, manutenção do vínculo e/ou atendimento) para fazer com que ela esteja conectada com outras ações do serviço de convivência ou mesmo vinculadas ao PAIF.

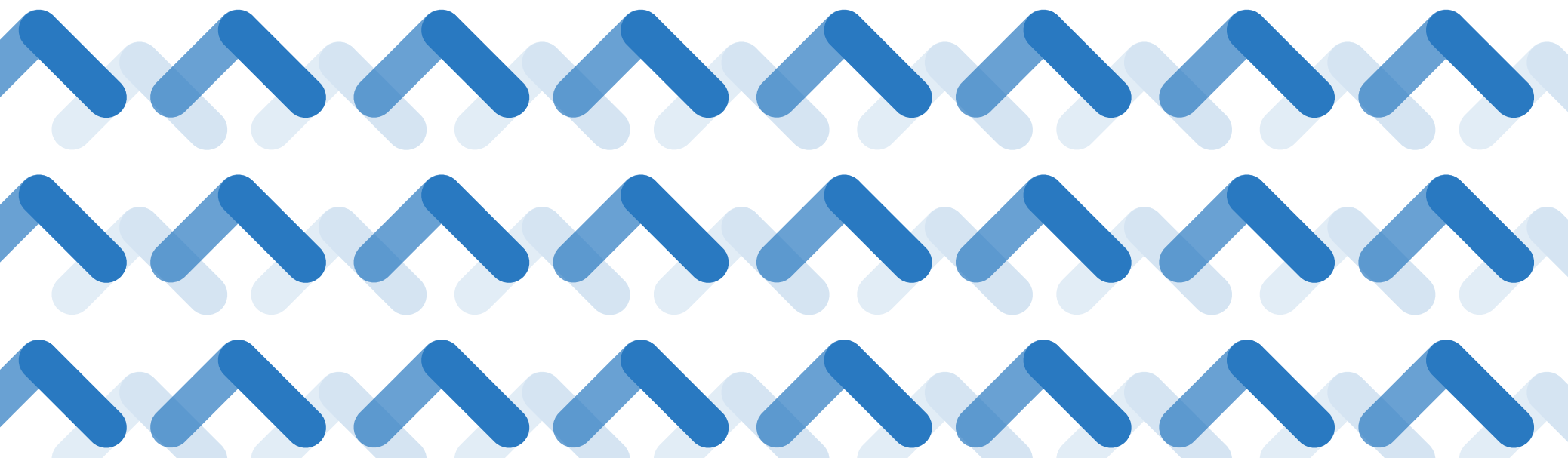
Outras possibilidades de ação

Equipes técnicas têm lançado mão de diversas estratégias para manter as ações planejadas no acompanhamento dos grupos. É importante dizer que aqueles serviços que antes da pandemia estavam estruturados, encontraram as dificuldades comuns do distanciamento físico imposto pelas recomendações sanitárias e se reorganizaram considerando as possibilidades dos usuários. Já aqueles que não eram tão atuantes antes da pandemia, terão maior dificuldade em criar e adaptar ações neste momento.

Algumas possibilidades de ação praticadas por SCFVs a que tivemos conhecimento:

- Jornal coletivo – produção ou veiculação de informações sobre a pandemia e os impactos nos territórios pelas próprias crianças e adolescentes;
- Diário da pandemia – o serviço estimula, orienta e debate sobre a realização de diários individuais no contexto da pandemia. Estimula a escrita, reflexão, leitura, levantamento de questões. Devem ter os momentos para compartilhar a experiência de escrever sobre o dia a dia;
- Grupos de poesia e leitura: escolha de livros que podem ser entregues pelos serviços, de acordo com faixa etária, de forma a estimular leitura e o exercício crítico além das trocas;
- Uso de músicas, vídeos e filmes conectados a uma proposta de trabalho (não utilizar apenas para o entretenimento como uma Sessão da Tarde);
- Projeto de desenho: estímulo à atividade de desenho dentro de uma proposta de trabalho prévia;
- Projeto de fotografia: como o olhar de crianças e jovens pode ser valorizado e um meio de observação da vida durante a pandemia?
- Projeto de culinária privilegiando o conhecimento e práticas dos participantes, com entrega de materiais pelos serviços, em parceria com organizações especializadas e podendo incluir conversas com nutricionistas, chefs, estudantes e outros especialistas. A entrega de cestas de alimentos pode ser acompanhada de ações de cuidados e conversas sobre a alimentação;
- Produção de vídeos e documentários pelo órgão gestor com a participação de membros dos grupos com registros da vida na quarentena;
- Lives que reúnam os SCFV do município ou região para tratar de temas da pandemia e da sociedade;
- Encontros regulares por internet para conversa com familiares;
- Oficinas de uso de tecnologias.

Essas estratégias têm potencial para uma intervenção que extrapola a reprodução da atividade em si, pois trazem à tona vivências que podem ser ressignificadas e produzirem soluções coletivas.



Para finalizar: gostaríamos de lembrar que as atividades devem fazer parte de um traçado metodológico, ou seja, devem ter objetivos claros para o cumprimento do propósito colocado pelo grupo. Seguem algumas diretrizes para que a equipe possa refletir sobre o seu planejamento.

- Propiciar o protagonismo do usuário e/ou grupo;
- Reconhecer as características do território e discutir sua relação com a vivência dos usuários na pandemia;
- Refletir sobre o acesso a condições materiais e relacionais para realizar o isolamento social adequado e manter-se protegido;
- Problematizar as mudanças nas relações familiares e comunitárias a partir das desigualdades sociais evidenciadas na pandemia;
- Identificar e dar visibilidade aos diversos saberes, manejos e habilidades presentes nas respostas dos grupos às situações de desproteção social;
- Identificar as expressões de sofrimento coletivo nas manifestações individuais;
- Planejar atividades a partir das novas demandas, vivências e especificidades dos diferentes ciclos de vida;
- Tematizar a desproteção e os direitos dos indivíduos classificados no "grupo de risco", como pessoas idosas e pessoas com deficiência;
- Relacionar situações de desproteção e demandas específicas da pandemia à responsabilidade pública;
- Integrar a oferta de benefícios à discussão sobre o acesso a direitos e proteção no campo relacional;
- Inserir temas e linguagens contemporâneos, com referências artísticas e culturais;
- Utilizar recursos e tecnologias acessíveis, que possibilitem a participação e valorizem a expressão dos usuários de diferentes perfis.

Referências Bibliográficas

Torres, Abigail Silvestre. **Segurança de convívio e de convivência: direito de proteção na Assistência Social**. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC, 2013.

Brasil. Ministério de Desenvolvimento Social. **Orientações Técnicas sobre o PAIF: O serviço de Proteção Social e Atendimento Integral à Família –PAIF segundo a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais**. Vol. 1. Brasília. MDS, 2012

_____. Ministério de Desenvolvimento Social. **Concepção de Convivência e Fortalecimento de Vínculos**. Brasília.

_____. **Perguntas Frequentes : Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos**. Brasília, MDS, 2017.

www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/perguntas_e_respostas/PerguntasFrequentesSCFV_032017.pdf

Saiba mais

Caderno **Concepção de convivência e fortalecimento de vínculos** – Brasília, DF: MDS, Secretaria Nacional de Assistência Social, 2017

www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/concepcao_fortalecimento_vinculos.pdf

Serviço de Convivência de 0 a 6 anos: Diretrizes e Práticas

www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/assistencia_social/Projeto%20V%C3%ADnculos/Box%20-%20Relat%C3%B3rio%20Final/2.SCFV_0a6anos.pdf

Caderno de Atividades do Serviço de Convivência de Fortalecimento de Vínculos para crianças de 0 a 6 anos

www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/crianca_feliz/CADERNO-ATIVIDADES-DIGITAL-28122018.pdf

Webnário Desproteções Relacionais e o Trabalho Social com Famílias

www.youtube.com/watch?v=kOPNtAkaqiM

Curso Redes de Proteção

www.polo.org.br/educacao-na-pandemia/formacao/40/redes-de-protecao

Live “Convivência, vínculo de desproteção social”

www.facebook.com/watch/live/?v=3456374387710883

Live “Impactos e caminhos do trabalho com famílias, a convivência e o fortalecimento de vínculos na PSB

www.youtube.com/watch?v=vlXzfaa6RdU

Live “Direitos humanos e pandemia”

www.facebook.com/projeto.camara/videos/1170428733300394

Live “Ações do CONADE durante a pandemia”, disponível em

www.facebook.com/CEAPcD/videos/589164091717915



Serviço de Convivência
e Fortalecimento de Vínculos

O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos na Pandemia